

ESTRUTURA TRÓFICA DA ICTIOFAUNA DE IGARAPÉS DE TERRA FIRME SOB DIFERENTES GRAUS DE INTEGRIDADE DA FLORESTA ADJACENTE

Elane Bivar de Souza⁽¹⁾; Jansen Alfredo Sampaio Zuanon⁽²⁾

⁽¹⁾Bolsista CNPq/PIBIC; ⁽²⁾Pesquisador INPA/CPBA

Projeto financiado pelo PDBFF – INPA/Smithsonian

Um dos componentes importantes das florestas tropicais são os igarapés que as atravessam e que criam, mesmo nos sistemas de terra firme, uma heterogeneidade estrutural marcada (Lima & Gascon, 1999). O projeto “Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais” apresenta um objetivo central que é o estudo dos efeitos ecológicos da fragmentação florestal sobre áreas de Floresta Tropical. As modificações devido à fragmentação devem gerar alterações de estrutura de habitat, incluindo queda de folhiço e alterações de composição do material que é importado para os igarapés, determinando mudanças previsíveis em sua estrutura e função. Como os demais grupos animais presentes nesse ambiente aquático, os peixes de igarapés apresentam uma elevada dependência da entrada de material alóctone no sistema, seja na forma de alimento, seja como componentes estruturais que garantem a diversidade de microhabitats no ambiente (Sabino & Zuanon, 1998; Esteves & Aranha, 1999). Este estudo teve como objetivo avaliar as possíveis mudanças de estrutura e função da ictiofauna em igarapés sujeitos à fragmentação e alteração da cobertura vegetal em suas áreas de drenagem. Os peixes foram coletados com uso de rapichés, peneiras de malha metálica e pequenas redes, em 20 igarapés de 1^a a 3^a ordem de terra firme, na região entre Manaus e Presidente Figueiredo, AM, em fevereiro (chuva) e outubro (seca) de 2001. Para avaliar o possível efeito do tipo de cobertura vegetal sobre a ictiofauna, foram estudados igarapés em áreas de mata contínua, fragmentos de 10 e 100 ha e áreas alteradas (capoeiras e pastos). A dieta das espécies foi analisada pelos métodos de *frequência de ocorrência* e *volume relativo* (Hynes, 1950). Foram coletados 1267 peixes, distribuídos em 55 espécies, 18 famílias e 6 ordens. O número médio de espécies de peixes nos igarapés com diferentes tipos de cobertura vegetal foi semelhante, mas a variabilidade foi aparentemente maior nas áreas alteradas (Tabela 1).

Do total de 55 espécies, houve predomínio de insetívoros autóctones (38,2%), seguidos pelos carnívoros (30,9%) e onívoros (10,9%). Em relação ao número de exemplares,

a categoria mais importante foi a dos onívoros, com 44,8%, seguida pelos carnívoros (26,4%) e insetívoros autóctones (18,6%).

Tabela 1. Número de espécies de peixes coletados em igarapés de 1ª ordem nas áreas de estudo do PDBFF, em fevereiro e outubro de 2001. n = número de amostras; c = capoeira; ca = campo ou pasto; f10, f100= fragmentos florestais de 10 e 100 ha; mc = mata contínua.

	Cobertura vegetal		
	c, ca	f10, f100	Mc
Média	10,3	10,6	9,6
Desvio padrão	8,6	2,2	5,8
Mín. - Máx.	6 - 15	9 - 12	7 - 13
N	6	3	7

A análise da variação sazonal da dieta foi realizada com as cinco espécies mais abundantes, que representam 44,3% do total de exemplares coletados no período da chuva (n = 610) e 44,1% durante a estiagem (n = 657). *Hyphessobrycon* aff. *heterorhabdus* e *H.* aff. *melazonatus* foram consideradas como carnívoras no período de chuva, e passaram a ser classificadas como insetívoras alóctones no período da seca. Isto indica uma maior dependência das espécies de peixes do material proveniente da floresta nesse período, o que pode estar relacionado com variações sazonais nos ciclos biológicos dos invertebrados aquáticos presentes nos igarapés.

Não houve relações significativas entre a quantidade relativa de floresta em torno dos igarapés e a porcentagem de participação das espécies ou indivíduos das diferentes categorias tróficas nas comunidades de peixes (testadas com uso de regressões lineares simples). Isso indica que a estrutura trófica da ictiofauna de igarapés de terra firme provavelmente baseia-se em processos internos aos igarapés, sem reflexos evidentes das alterações na cobertura vegetal, ao menos para os igarapés incluídos no presente estudo.

- ESTEVES, K. E. & ARANHA, J. M. R. 1999. Ecologia trófica de peixes de riachos. Pp. 157-182. In Caramaschi, E. P. et al. (eds.) Ecologia de peixes de riachos. *Oecologia Brasiliensis*, Vol. VI, PPGE-UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. 260 p.
- HYNES, H. B. N. 1950. The food of fresh-water sticklebacks (*Gasterosteus aculeatus* and *Pygosteus pungitius*), with a review of methods used in studies of the food of fishes. *J. Anim. Ecol.*, 19:36-58.
- LIMA, M. G. & GASCON, C. 1999. The conservation value of linear forest remnants in central Amazonia. *Biological Conservation*, 91:241-247.
- SABINO, J. & ZUANON, J. 1998. A stream fish assemblage in Central Amazonia: distribution, activity patterns and feeding behavior. *Ichthyol. Explor. Freshwaters*, 8(3):201-210.